

1

Introdução

Virar de cabeça para baixo e caminhar com as mãos ao invés dos pés. Ter o sangue todo na cabeça, os ombros cansados, mas o mundo invertido. Pendurar-se em uma corda e balançar de um lado para o outro. Inventar objetos e jogar com eles. Saltar sobre bancos. Saltar no chão. Em uma cama elástica. Envergar a coluna e fazer um arco com ela. Dançar. Desconjuntado, desajeitado, mas dançar. Sempre. Mexer o corpo de formas não convencionais. Deixá-lo cansado. Suar. Criar redomas sensoriais extra-ordinárias¹. Caminhar em um fio a metros de altura. Deambular. Funambular. Criar calos. Descascá-los com os dentes. Agüentar ver as mãos se abrindo. Esperá-las cicatrizar e colocá-las novamente no chão. Mesmo que sujo. Agüentar um pouco de dor. Jogar para cima vários objetos e pegá-los, ainda no ar. Habitar o ar. E o chão. Estar familiarizado a eles. Ser capaz de suportar uma alteração brusca de referências no espaço. Resistir. Insistir. Produzir diferenças. Desenvolver “a capacidade afetiva do corpo – a capacidade de se afetar corpo” (Pires, 2007, p.11). Ser um atleta físico e afetivo. Desenvolver as duas musculaturas. Desequilibrar-se, voluntariamente. Realizar uma ou mais piruetas no espaço. Retomar o equilíbrio. Perceber o que acontece fora e dentro do corpo. Equalizar as forças. Não organizá-las necessariamente, mas percebê-las. E agir em função delas. Experimentar-se. “Experiência aqui é entendida como a capacidade de tornar-se corpo, incorporar o acontecimento. Elevar no acontecimento seu edifício. Acontecer como corpo” (Pires, 2007, p.11). Arriscar. Riscar o ar. Escrever uma poesia espaço. Colocar em risco a vida, as referências. Suspendê-las. Fazer corpos com outros corpos. Perceber o instante e atualizar-se em função dele. Ter urgência. Fazer várias coisas ao mesmo tempo. Sem uma identidade construída à priori, delineá-la a partir dos gestos que fundam comunidades - os cuspidores de fogo, os saltadores, os

¹ Este termo foi criado e desenvolvido por Guilherme Veiga no livro *Ritual, risco e arte circense. O homem em situações-limite*. Brasília: Editora UNB, 2009.

domadores, os trapezistas, os acrobatas, os palhaços. Afirmar as alianças que se estabelecem nesta instabilidade. Trocar experiências. Aprender. Desenvolver as potências do corpo. Acreditar que ele pode fazer muitas coisas. E aceitar que não pode outras. Insistir. Treinar. Praticar. Se alongar. Sempre. Conhecer suas forças.

Talvez estas sejam características dos corpos circenses. Falo a partir da minha própria prática, dos meus amigos de circo, dos espetáculos que eu assisto, das minhas referências - que vejo e que leio. Mas talvez não seja suficiente. É necessário investigar mais pra saber o que define os circenses hoje e o que já os definia assim, circenses, mesmo antes de o Circo ser criado no século XVIII. “Obviamente, existe uma questão que nos remete à noção de nomeação do corpo: seria possível uma operação que escape ao imperativo do nome? Não é possível ignorar os riscos que surgem desse embate com a representação” (Pires, 2007, p.133). Aqui os ensaios se misturam. Inversões, traços, riscos, palavras. “Existe o risco. Apostar no risco como possibilidade. Realizar a aventura intelectual: colocar-se diante do abismo” (Pires, 2007, p.133).